

Curadoria educativa em arquivos-museus literários: reflexões iniciais

Marcos Ulisses Cavalheiro

Professor assistente, no curso de graduação em Biblioteconomia da USP. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP).

E-mail: marcos.cavalheiro@usp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9146152235960537>

Resumo

Compreendidos como lugares de memória e/ou espaços científicos e culturais, os “arquivos-museus literários” brasileiros são unidades de informação de missão e valores engajados com a preservação e disseminação da memória da Literatura e do seu patrimônio documental; para tanto, recolhe, trata e divulga acervos cuja proveniência são personalidades da “arte da palavra”. Objetivamos revisitar suas práticas documentárias pelas vias da curadoria educativa, da experiência (ação cultural) e da construção (arte-educação), de modo a concebê-las como estratégias de mediação e democratização do acesso à informação/arte. Trata-se de um recorte teórico, documental, exploratório e qualitativo; o norte interdisciplinar da Arquivologia com a Museologia fez-se essencial ao processo investigativo, para fins de assimilação quanto à natureza do “documento”, não outro, senão o “documento de arquivo-museu” que, pela ótica curatorial, tem seus valores probatório, testemunhal, artístico e patrimonial, tendo como foco, sobretudo, a acessibilidade. Em síntese, registramos nossas primeiras impressões da relação entre a curadoria educativa, o arquivo-museu, a arte-literária e o acesso à informação.

Palavras-chave: Curadoria Educativa. Patrimônio Documental. Acessibilidade.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é produto das discussões e experiências compartilhadas na disciplina Curadoria Educativa¹, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais

¹ CAP 5409: Curadoria Educativa: elementos para uma prática crítico-reflexiva da arte-educação em instituições museológicas e espaços culturais.

(PPGAV), no primeiro semestre de 2017, na Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), sob orientação da Profa. Dra. Maria Christina Rizzi. Nele, discorreremos acerca de alguns aspectos conceituais da “curadoria” e da “curadoria educativa”, elencando-os aos valores e à missão de instituições de arte, cultura e ciência engajadas com a custódia, a preservação e a difusão da memória documental da Literatura e seus representantes, tais como o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB)², o “Museu Literário” idealizado por Carlos Drummond de Andrade.

Outras instituições afins da “arte da palavra”, como o Arquivo da Academia Brasileira de Letras (ABL) e o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB)³, dedicam-se à salvaguarda do patrimônio documental e, por ofício, visam disseminá-lo com o tratamento de acervos, elaboração de instrumentos de acesso e ação educativa, com princípios respaldados nas ditas Ciências da Informação, cujo escopo contempla a Arquivologia e a Museologia. Faz-se necessário o diálogo entre as áreas para a compreensão do perfil de um “arquivo-museu” e do conceito de “documento” que, na perspectiva desse espaço cultural, abarca, por exemplo, desde as canetas-tinteiros e máquinas de escrever (típicas peças de museu) até os manuscritos e datiloscritos de obras (típicos documentos de arquivo).

Os fazeres arquivísticos e museológicos, para além de suas particularidades e usos documentais delimitados, possuem convergências que podem ser compreendidas sob a ótica foucaultiana da materialidade dos enunciados, discursos e documentos, em *Arqueologia do Saber* (FOUCAULT, 1997). Na dimensão dos arquivos-museus (literários), a peça de museu retém caráter arquivístico, em razão da organicidade⁴ do acervo, e o documento de arquivo, por conseguinte, retém o sincrônico caráter museológico, haja vista que o viés patrimonial, histórico e cultural de uma minuta, por exemplo, é elevado, na tradição museográfica, pela projeção expositiva. Eis uma oportuna instigação às primárias reflexões das práticas curatoriais e documentárias nos referidos espaços.

² Registrada no Código de Entidades Custodiadoras de Acervos Arquivísticos, do Conselho Nacional de Arquivos. O AMLB é sediado nas dependências da Fundação Casa de Rui Barbosa, em Botafogo, Rio de Janeiro/RJ.

³ Interunidade da Universidade de São Paulo.

⁴ Princípio elementar da Arquivologia, que se refere à “Relação natural entre documentos de um arquivo em decorrência das atividades da entidade produtora” (BRASIL, 2005, p. 127).

O cenário econômico, político e social vigente é sugestivo para revisitarmos a noção de “curadoria”, pois nele, as artes tendem à categorização de insumo mercadológico. Nesse sentido, Barbosa (2013 *apud* Duarte, 2008), enfatiza que, passado um século da *arte pela arte*⁵, teríamos agora o *curadorismo pelo curadorismo*. Duarte (2008, p. 136) faz crítica “[...] à atuação do curador e à competência da curadoria na relação dos sistemas entre arte, artista e produção de sentidos de trabalhos expostos publicamente”. Para além do embate parnasiano e capitalista, propomos delimitar, neste texto, a apropriação da noção de “curadoria” e das práticas documentárias como recurso de democratização e acessibilidade nos arquivos-museus detentores da memória literária nacional.

Este artigo é essencialmente bibliográfica, documental, exploratória e qualitativa, baseado na literatura nacional e internacional da Arquivologia e da Museologia, pautadas na temática da curadoria, da ação cultural e da curadoria educativa, além de instrumentos de pesquisa e bases de dados disponibilizados pelas instituições observadas. Nosso objetivo geral é provocar reflexões iniciais sobre a prática curatorial educativa nos arquivos-museus de arte literária; para tanto, são nossos objetivos específicos: discutir o conceito de “documento” na ótica dos arquivos, dos museus e dos arquivos-museus; introduzir elementos conceituais da Arquivologia, da Museologia e da Curadoria, elencando-os, transversalmente, à arte literária, sua memória e seu patrimônio documental; enfatizar as práticas de curadoria educativa e o comprometimento científico e social na salvaguarda e compartilhamento das fontes da Literatura.

2 O DOCUMENTO NO ARQUIVO, NO MUSEU E NO ARQUIVO-MUSEU

Na Ciência da Informação, o documento é o elo entre a Arquivologia e a Museologia, uma vez que ambas se ocupam dos processos de organização e representação documental, visando à acessibilidade de seus acervos. O fazer arquivístico e museológico possuem bases teóricas e metodológicas ancoradas na Biblioteconomia e

⁵ Crença na integral autonomia da arte, propagada no Parnasianismo do século XIX.

Documentação, tendo em vista o seu vanguardismo concernente aos sistemas de classificação e descrição da informação registrada. Nesta investigação, delimitamos a análise do “documento”, bem como sua disposição, na perspectiva do arquivo e do museu, que tracejam o nosso objeto de pesquisa: o arquivo-museu⁶ (literário).

O “documento” remete, etimologicamente⁷, à ideia de ensino e instrução. De acordo com o *Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística*, trata-se de uma “Unidade de registro de informações, qualquer que seja o suporte ou formato” (BRASIL, 2005, p. 73). A definição do *Arquivo Nacional* resgata a concepção Foucaultiana da materialidade dos enunciados, defendendo a hipótese de que o documento seja constituído por meio da materialização da informação, não necessariamente sobre o papel. Apesar da evolução dos suportes e da vasta gama de gêneros e formatos, os documentos de museu (objetos museais) são, correntemente, tridimensionais e imagéticos e; os de arquivo e biblioteca são ainda, majoritariamente, textuais (documentos e livros, respectivamente).

Para nos atermos às formalidades do documento de arquivo, de museu e de arquivo-museu, faz-se necessário o diálogo dos princípios que regem as disciplinas que norteiam este recorte. A Arquivologia⁸ “[...] estuda as funções do arquivo e os princípios e métodos a serem observados na produção, organização, guarda, preservação e utilização dos arquivos” (BRASIL, 2005, p. 37). De acordo com o *Conselho Internacional de Museus* (2013), a Museologia estuda o museu e suas funcionalidades, cujas práticas de organização, catalogação, preservação e comunicação são incumbidas à Museografia. Na área científica da informação e no campo institucional dos arquivos-museus, os estudos e as práticas arquivísticas e museológicas complementam-se com as suas similaridades e especificidades quanto ao “documento”.

Em Arquivologia, o documento é o registro das informações decorrentes do cumprimento de funções, atividades e tarefas cabíveis a uma dada instituição ou indivíduo, sendo sua gênese administrativa, burocrática e legal (JENKINSON, 1922). Em

⁶ Entendemos que o “arquivo-museu” seja um centro de documentação especializado, que custodia documentos tanto de cunho arquivístico como museológico.

⁷ Do latim, *docere*.

⁸ Assim como na Museologia/Museografia, há correntes que defendam que o caráter aplicado da Arquivologia seja incumbido à Arquivística; outras as concebem como sinônimos.

Museologia, por sua vez, o objeto adquire o *status* documental com a sua musealização, isto é, o conjunto de processos pelo qual o objeto priva-se de sua função original, reveste-se de novos significados e adquire a função de documento (LOUREIRO, 2008). Em *Qu'est-ce que la documentation*, Suzane Briet⁹ (1951), sugestivamente, comenta que uma estrela no céu, por exemplo, não pode ser considerada um documento; entretanto, sua fotografia – ou pintura – exposta no museu torna-se documento. Nesse sentido, o elo entre o arquivo, o museu e a noção de documento é aguçado, além da materialidade, pela institucionalização da informação.

Chagas (1994), *Em busca do documento perdido*, destaca que os arquivos, as bibliotecas e os museus, como espaços de memória, assumem a responsabilidade de salvaguarda e preservação de documentos, concebidos como “bens culturais”, remetendo-os aos conceitos de “memória” e “patrimônio”. Em termos pragmáticos, o autor comenta que o “bem cultural/documento” é constatado nos “objetos, livros, papéis, coleções, patrimônio cultural e natural” (CHAGAS, 1994, p. 34). Em museus ou arquivos-museus, “[...] o documento é compreendido como ‘suporte de informações’ que só podem ser preservadas e resgatadas através do questionamento” (ibid). Portanto, é matricial a discussão de questões que englobem a preservação, a comunicação e a acessibilidade.

No Brasil, os documentos recolhidos pelos arquivos-museus literários dizem respeito às coleções acumuladas, orgânica ou seletivamente, pelos representantes da nossa Literatura. Compõem, por exemplo, os acervos privados de Clarice Lispector (AMLB), Machado de Assis (ABL) e Graciliano Ramos (IEB): correspondências, manuscritos, documentos particulares, máquinas de escrever, mobiliários, entre outros objetos, produzidos, adquiridos e/ou acumulados ao longo de suas vidas públicas e privadas. Presumimos, pois, que a concepção do documento de arquivo-museu é extensa, contemplando os diversos gêneros e suportes que integram seus conjuntos documentais.

⁹ Precursora da área de Biblioteconomia e Documentação, juntamente com Paul Otlet e Henri La Fontaine.

Como medidas de racionalização e difusão, as unidades de informação, inclusive os arquivos-museus, recorrem aos esquemas de arranjo¹⁰ e à descrição documental, pautados na funcionalidade, na ordenação lógica e, sobretudo, na acessibilidade das fontes que detêm. Portanto, a prática curatorial e documentária, na dimensão desses espaços, “[...] constitui um trabalho interdisciplinar de pesquisa e resgate de informações que contribuirão para a geração de conhecimento, e também para a preservação da memória social” (YASSUDA, 2009, p. 15). Nesse sentido, notamos a indispensabilidade das referidas práticas interdisciplinares quanto à preservação e disseminação da memória literária, e sua relevância científica e social para a apropriação, a construção e o compartilhamento do saber na Literatura.

Do diálogo investigativo e do entendimento da natureza e das particularidades do “documento” no bilateral viés dos arquivos-museus (literários), exploraremos adiante certas questões de difusão e acesso à arte/informação (literária) através das chaves de “curadoria”, “ação cultural” e “curadoria educativa”.

3 CURADORIA EDUCATIVA NOS ARQUIVOS-MUSEUS LITERÁRIOS

No vigente cenário, a atividade curatorial é uma tendência, inclusive entre o público que, outrora, não era assíduo dos museus, dos espaços culturais e das galerias de arte. Aguçou-se o *trend*, sobretudo, com os *shows/exposições*, a exemplo daqueles projetados, na cidade de São Paulo (SP), pelo Museu da Imagem e do Som (*Silvio Santos Vem Aí*) e pelo Memorial da América Latina (*Ra-Tim-Bum, O Castelo*) que, nesta década, receberam números recordes de apreciadores. Do ponto de vista crítico da Museologia, como ciência social e aplicada, o caso dessas exposições imponentes nos conduz a uma discussão de, ao menos, duas vertentes: De um lado, a democratização do acesso à arte/informação e; de outro, o parnasianismo curatorial¹¹ frente à consolidação capitalista.

¹⁰ Em Arquivologia, o arranjo é o sistema de classificação funcional ou estrutural dos conjuntos documentais históricos.

¹¹ Resgatamos, nesse aspecto, a crítica de Duarte (2008).

A curadoria e a gestão de acervos não são práticas documentárias recentes, uma vez que remetem à própria história do colecionismo e da escrita; todavia, sua especialização decorre da valorização do patrimônio e da preservação das fontes documentais no contexto da Revolução Francesa.¹² Devido à ampliação semântica, Bruno (2008) conclui que o conceito de “curadoria” possui uma trajetória de difícil mapeamento, e o delimita no campo museológico, que privilegia, entre seus processos documentários, as ideias e as práticas pretéritas. Para provocarmos a noção curatorial nos arquivos-museus (literários), aderimos essa delimitação, a fim de que notemos os seus impactos na preservação e na difusão da memória literária e do seu patrimônio documental.

Pela complexidade conceitual e metodológica da curadoria, Cinara Barbosa, em sua tese na área de Artes, *O dispositivo da curadoria entre seleção, conceito e plataforma*, visa:

[...] compreender a curadoria à luz do conceito multidimensional de dispositivo. O conceito em questão permite elaborar o raciocínio sobre este tema, explorando de maneira transversal as relações de construção em torno dos signos do poder, do saber e da posição dos sujeitos através da (re)elaboração de suas subjetividades. Ou seja, pensar o que a curadoria de arte faz, deixa de fazer e engendra (BARBOSA, 2013, p. 12).

A premissa Foucaultiana é pertinente a nossa discussão curatorial nos arquivos-museus literários, pois a “multidimensão do dispositivo” nos permite explorar o conjunto documental do escritor na transversalidade da Museologia, da Arquivologia e da Arte Literária, de modo que compreendamos seus engendramentos, para além das convergências e divergências. A configuração dos arquivos-museus, ancorada na divulgação artística, científica, cultural e literária, nos leva a refletir acerca da relevância dos serviços educativos e o papel da mediação no plano dessas instituições. Nesse sentido, alinhados com as ideias de “construção” e “(re)elaboração”, corroboradas por Barbosa (2013), cedemos espaço à discussão de não outra forma de curadoria, senão a educativa.

¹² Essa abordagem historiográfica, documental e patrimonial é abarcada por Santos (2008), em sua tese na área de História Social, *A Arquivística no laboratório: história, teorias e métodos de uma disciplina*.

O olhar didático ao campo museográfico não nos permite restringir o curador como mero organizador de exposições; antes, enfatiza-se o seu papel socioeducativo com a mediação da arte, da informação e da cultura. Vergara (1996) explica que a “curadoria educativa” tem o objetivo de explorar a potência da arte como um veículo de ação cultural e ensino da arte (arte-educação). Para os arquivos-museus literários, idealmente, esse percurso relaciona-se à seleção e à exposição de documentos tridimensionais, imagéticos ou textuais que, conferido o seu simbolismo à Literatura, são revestidos de valor testemunhal e patrimonial. Para além do formalismo, a efetiva prática da curadoria educativa norteia-se pela democratização do acesso e a dinamização das afeições entre o usuário, a instituição, o artista e sua arte (o escritor e sua obra).

Sobre as formas de curadoria educativa e ação cultural nos arquivos-museus literários, não podemos detê-las, unicamente, ao planejamento de exposições canônicas; em contramão, priorizar o estabelecimento de “[...] um programa sistemático visando aproximar o público em geral, com o intuito de dar acesso à informação e fomentar a criação de conhecimentos” (CABRAL, 2012, p. 35). Afinal de contas, “A exposição deve ser um ponto de partida e não de chegada, na forma de comunicação com o público” (JULIÃO; BITTENCOURT, 2008, p. 19). Dessa forma, o acesso que permite a contemplação e a experiência que viabiliza construção (do saber) são as chaves para as quais a curadoria (educativa) deve estar concentrada.

Englobando as práticas institucionalizadas de curadoria e documentação à missão custodial do patrimônio literário do Brasil, ratificamos que entidades como AMBL, a ABL e o IEB, nas últimas quatro décadas, são atuantes na organização (lógica e física) e divulgação dos acervos particulares de escritores brasileiros. Para fins de comunicação, além dos serviços educativos oferecidos *in loco*, seus instrumentos de pesquisa, tais como os guias de acervo, inventários de arquivo e catálogos de documentos, podem ser consultados em meio eletrônico, o que reitera a questão da democratização do acesso, pela qual prezamos neste texto.

Ao resgatarmos o discurso da curadoria educativa para com a experiência e a construção, é propício salientar que os nossos arquivos-museus literários sediam encontros e conferências de sumo interesse às áreas da Arquivologia/Museologia, das

Artes e das Letras. O AMLB¹³ recebeu os acadêmicos e pesquisadores do Encontro Luso-Brasileiro de Museus-Casas, em 2006, do Congresso Brasileiro de Arquivologia, em 2012, e do Encontro de Arquivos Científicos, em 2017. Em termos de educação formal, o IEB¹⁴, por exemplo, oferece cursos de extensão e pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu* nas áreas de arte, documentação, cultura, identidades e memória, além de programas de estágio profissional em mediação, preservação e organização dos arquivos, bibliotecas e museus do Instituto, voltados aos estudantes de graduação da USP.

Em seu *Guia de Acervo* (2012), observamos que o patrimônio do AMLB é composto, além das diversas coleções temáticas, pelos fundos¹⁵ de 127 escritores brasileiros, e 1400 objetos pertencentes ou relativos a eles, tais como a máquina de escrever de Clarice Lispector e a poltrona de Manuel Bandeira, expostos nas dependências do Arquivo. Embora seus documentos textuais e imagéticos estejam, em relevante proporção, arranjados e disponibilizados para consultas presenciais e eletrônicas, é viável, nesse sentido, repensarmos as práticas de organização e compartilhamento do patrimônio documental pela via curatorial. O rascunho de uma obra significativa à Literatura, como *A Hora da Estrela*, adquire maior valorização, no discurso do patrimônio e do acesso à informação, com a ação expositiva para além do arquivamento.

A formação de acervos, nos arquivos-museus (literários), possui vínculos mais estreitos com a área de Arquivologia, cujo critério é a organicidade. A relação genética do manuscrito (documento de arquivo) com a caneta-tinteiro (documento de museu) é uma assertiva ilustração da racionalização arquivística. Todavia, ao concebermos o documento (textual ou tridimensional) à luz do documento/monumento¹⁶, do bem cultural e do patrimônio, a Museologia, a projeção museográfica e a prática curatorial parecem-nos propiciar recursos mais enérgicos para sua elevação, transcendendo o paradigma da guarda/estoque/custódia a um paradigma “pós-custodial”, o qual, para

¹³ O AMLB oferece o Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos.

¹⁴ O IEB ofereceu nas duas últimas décadas o curso de especialização em organização de arquivos, que formou renomados arquivistas no estado de São Paulo e professores de Arquivologia no Brasil. Atualmente, o programa de pós-graduação oferecido é concentrado em culturas e identidades brasileiras.

¹⁵ Em Arquivologia, o “fundo” refere-se à coleção natural de documentos, cuja proveniência seja exclusiva de uma entidade física ou jurídica.

¹⁶ Aqui, fazemos menção à monumentalização do documento, discorrida por Jacques Le Goff, em *História e Memória* (1996).

além da via exibicionista, viabiliza o acesso à informação com vistas à construção e troca de conhecimentos.

A dinâmica da duplicidade lógica da interpretação do documento de arquivo-museu permite, por exemplo, que o objeto seja contemplado no quadro de arranjo arquivístico. Aliás, esse trajeto (do museu para o arquivo) pode ser visualizado no *Fundo Clarice Lispector*, que apresenta, em seus instrumentos, uma série funcional constituída por suas telas, visto que são concebidas como documentos orgânicos (e bens culturais) relativos à produção artística e intelectual da modernista. Pela via da institucionalização, da classificação e da exposição, o documento de arquivo-museu (a tela de Clarice) é, portanto, concomitantemente arquivístico e museológico. De igual modo, talvez o trajeto inverso (do arquivo para o museu) seja o meio pelo qual o documento, mesmo que textual, seja elevado e, sobretudo, acessível.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comprometidos com a sua missão de salvaguarda, nossos arquivos-museus literários têm adotado efetivas políticas e práticas documentárias, já consagradas, direcionadas à organização e disposição de seus acervos; comprometidos com os seus valores, e com a questão da acessibilidade, também oferecem serviços educativos e de mediação, os quais têm sido, efetivamente, revisitados com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação, bem como com a garantia de acesso prevista no discurso jurídico¹⁷. Vislumbramos, portanto, que a originalidade do nosso percurso investigativo foi, justamente, (re)pensar essas práticas na perspectiva da curadoria educativa e, por conseguinte, da experiência (ação educativa) e da construção (arte-educação).

O diálogo da Museologia e da Arquivologia fez-se fundamental à interpretação da sistemática do arquivo-museu literário (em termos de funcionamento, organização e disseminação), visto que seus documentos retêm, sincrônica e/ou diacronicamente, caráter arquivístico e museológico, isto é, valor de prova, testemunho, arte e patrimônio.

¹⁷ Referenciamos às garantidas previstas, por exemplo, na Constituição Federal e à Lei 12.527/2011, de Acesso à Informação.

Nesse contexto, enfatizamos a potencialidade da curadoria educativa, pois, uma vez previstas as suas práticas no planejamento arquivístico/museográfico dessas instituições, tendemos a transpassar do emblemático discurso para a devida difusão da memória e do compartilhamento das fontes dessa considerável fração da cultura brasileira, que é a nossa Literatura.

Com a provocação curatorial deste texto, esperamos colaborar com a trajetória científica dos acadêmicos da Documentação, das Artes e das Letras, e com o fazer dos profissionais arquivistas, museólogos, curadores e gestores de cultura, arte e documentação. Acima de tudo, esperamos que registrem suas vindouras considerações em relação à curadoria educativa nos arquivos-museus, além dos literários, espaço no qual o “documento” é a obra a ser contemplada.

Educational curatorship in literature archive-museums:

Initial reflections

Abstract

Comprehended as places of memories and/or scientific and cultural spaces, the Brazilian “literary archive-museums” are information unities whose mission and values are engaged with preserving and disseminating our Literature’s memory and its documentary heritage; thus, they accrual, process and diffuse the record groups whose provenance are personalities of the literary arts. In this text, we have aimed at revisiting their documentary practices through the keys of educational curatorship, experience (cultural action) and construction (arts-education), in order to make them out as strategies of mediation and democratization of access to information/arts. The interdisciplinary guidance between the Archival and Museum Sciences has been essential throughout the investigative process, for a matter of assimilation regarding the nature of the “document”, no other but the “archival-museum document”, which by the curatorial perception, has its probative, testimonial, artistic and patrimonial values emerged, and tend, withal, to accessibility. In summary, we have registered our first impressions concerning the relation of educational curatorship, the archive-museum, the literary arts and the access to it.

Key words: *Educational Curatorship. Documentary Heritage. Accessibilit.*

REFERÊNCIAS

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BARBOSA, C. **O dispositivo da curadoria**: entre seleção, conceito e plataforma. 2013a. 264f. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília.

_____. A era da curadoria. **Revista Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 2, n. 4, p. 1-13, 2013b.

BRIET, S. **Qu'est-ce que la documentation?** Paris: Éditions Documentaires Industrielles et Técnicas, 1951.

BRUNO, M. C. O. **Definição de Curadoria** - Os caminhos do enquadramento, tratamento e extroversão da herança patrimonial. Cadernos de diretrizes museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa. Brasília: Ministério da Cultura, 2008. Disponível em:
<http://www.cultura.mg.gov.br/files/museus/1caderno_diretrizes_museologicas_2.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2018.

CABRAL, R. M. Arquivos como fonte de difusão cultural e educativa. **Acervo**, v. 25, n. 1, p. 35-44, jan./jun. 2012.

CHAGAS, Mário. Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da Documentação. **Caderno de museologia**, n. 2, 1994. P. 29-47.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (Org.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Conselho Internacional de Museus, 2013.

DUARTE, P. S. Uma bienal diet: o que aconteceu com a elite de São Paulo, que, depois da crise do Masp, abandona também a bienal e produz uma mostra tão rala? **Revista Eletrônica Trópico**, nov. 2008. Dossiê 28ª bienal/em obras Disponível em: <<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/3037,1.shl>> . Acesso em 02 jul. 2017.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

JULIÃO, L; BITTENCOURT, J. N. (Org.). **Caderno de Diretrizes Museológicas 2**. Mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais/Superintendência de Museus, 2008.

LOUREIRO, M. L. N. M. A documentação museológica entre a arte e a ciência. In: GRANATO, M.; SANTOS, C. P.; LOUREIRO, M. L. N. M. (Org.). **Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST**. Rio de Janeiro: MAST, 2008.

VASCONCELLOS, E.; XAVIER, L.R. **Guia do acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2012.

VERGARA, L. G. Curadorias educativas: a consciência do olhar: percepção imaginativa, perspectiva fenomenológica aplicadas à experiência estética. In: **Anais do Congresso Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**. v.3. São Paulo, out/1996. p. 240-247.

YASSUDA, S. N. **Documentação museológica**: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista. 2009. 123f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Departamento de Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista.